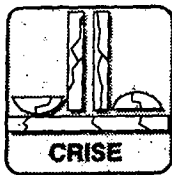


Amigos ricos e ambição: um professor vira senador

MARIA LIMA e TEREZA CRUVINEL

BRASÍLIA — No início dos anos 70, o então salva-vidas e professor de natação Gilberto Miranda, o "Gigi do Iate", surpreendeu a turma de playboys com a qual andava em Brasília:



— Vou para São Paulo me casar — anunciou, de repente.

— Mas você nunca disse que tem noiva! — estranharam os amigos ricos do ambicioso filho de seu Deolindo, um alfaiate de São José do Rio Preto, onde o hoje senador nasceu em 1946.

— Com quem, ainda não sei. Mas será com uma mulher rica — respondeu Gigi.

Algum tempo depois, os amigos ficaram sabendo que Miranda conseguira. Estava de casamento marcado com Analicia Scarpa, fina, culta e rica. Hoje em dia o próprio Gilberto admite que os amigos e o casamento

mudaram sua vida. Professor do Ciem, então colégio da elite brasileira, ali conheceu Paulo Octávio, Fernando Collor, Luiz Estêvão, Pimenta da Veiga, entre outros. O ingresso na família Scarpa abriu outras portas.

O que ele não gosta é que neguem o valor de seu próprio esforço. Em São Paulo, jovem advogado, ele encontrava no Diário Oficial os nomes de empresários encalacrados em Brasília. Oferecia seus serviços, ia à capital, onde conhecia todo mundo, e resolvia o problema. Em 1973 ele foi a Manaus como advogado da Facit, que estava com um lote de máquinas apreendidas na Receita Federal, por suspeita de fraude na importação. Tinha um amigo lá, Aloísio Campelo (padrinho de casamento), que era Superintendente da Suframa. Conseguiu liberar tudo e algo mais. Para montar a fábrica da Facit, pediu sociedade no projeto sem ter um tostão no bolso. Conseguiu 40%.

O padrinho abriu-lhe as portas da portas na Zona Franca de Manaus, onde Miranda passou a

aplicar o mesmo método que o fizera sócio da Facit. Aprovava o projeto e instalava a fábrica mediante sociedade, sem capital seu. Em 20 anos, tornou-se dono de mais de 20 empresas, geridas pela holding Humana. Fatura US\$ 450 milhões por ano, tem uma ilha no litoral paulista, três Rolls-Royce, um avião Lear Jet, um helicóptero, fazendas, mansões na capital paulista, apartamento em Brasília, uma cobertura no Guarujá e 15 fábricas (vendeu outras 15) que produzem de carros a máquinas de calcular. Essa fortuna deu-lhe a frase mais usada nos últimos dias para explicar sua repentina mudança de posição em relação ao Sivam.

— Sou rico. Não preciso de propina.

Miranda não está mais casado e gasta pequenas fortunas em grandes prazeres. Tem na adega os vinhos mais caros do mundo, como Lafitte, Mouton, Crillon, Pétrus e Le Pin, que, pela pequena produção, podem custar mais de mil dólares a garrafa. Ana Cristina Paiva, de 24 anos, sua

namorada, mostrando à revista "Caras" seus vestidos do estilista Carl Lagerfeld, declarou candidamente: "Posso estreitar meu Lagerfeld uma noite dessas num passeio ao luar no Rolls-Royce, por que não?"

Miranda chegou ao Senado sem um só voto. Primeiro como suplente do senador Carlos Alberto de Carli, por quatro meses, em 1990. Depois, em 1993, para um mandato de seis anos e meio, como suplente de Amazonino Mendes, que assumira a Prefeitura de Manaus. Aproximou-se do senador e ex-presidente José Sarney. Com sua ajuda, dois anos depois tornou-se presidente da importante Comissão de Assuntos Econômicos. Presidente nunca relata matérias, mas ele introduziu a prática da auto-indicação, e sempre para matérias que envolvem muito dinheiro. Relatou, por exemplo, o orçamento deste ano, adotando critérios pouco claros para acolher ou rejeitar emendas. (Colaborou Denise Rothenburg)